



UNIVERSIDADE CRÍTICA

UM PASSO PARA UMA UNIVERSIDADE POPULAR

Aes.

Abril - 69



00001

PROGRAMA GERAL DAS REALIZAÇÕES ORGANIZADAS PELAS RIC-RIPed

DIA 16- QUARTA-FEIRA-

Sessão plenária de abertura às 21.30 na A.E. de Ciências

18 - SEXTA-FEIRA- 21.30 A.E. Ciências

I reunião de trabalho

Conclusões gerais da abertura aos cursos e das relações das AAEE com as Autoridades Académicas.

21 - SEGUNDA-FEIRA- 21.30 A.E. Ciências

II reunião de trabalho

Conceito e forma de Universidade Crítica, em Portugal, hoje.

23 - QUARTA-FEIRA- 21.30 A.E. Ciências

III reunião de trabalho

Princípios básicos orientadores do trabalho nas escolas.

Novo conceito de um trabalho Cultural-Pedagógico

25- SEXTA-FEIRA- 21.30 A.E. Ciências

IV reunião de trabalho

Estruturação da organização Federativa

28- SEGUNDA-FEIRA- 21.30 A.E. Ciências

V reunião de trabalho

Dividida em duas mesas redondas:

-- Imprensa estudantil

-- Teatro estudantil

É necessário que uma correcta teorização, e uma correcta estruturação do movimento estudantil, permitam a criação de novas ideias, e a prática de novas tarefas.

É necessário construir essa teorização.

É necessário construir essa estruturação.

Contribuições para uma e para outra se pretendem atingir com a publicação de textos, com a realização de reuniões de trabalho.

XX

UNIDADE NA LUTA FRENTE À REPRSSÃO E À EXPLORAÇÃO PELA DEMOCRATIZAÇÃO  
DO ENSINO

POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR

É preciso, é urgente pensar nas razões pelas quais fazemos as coisas ou as deixamos de fazer.

É preciso, é urgente regeitar os mitos que nos impõem e os figurinos que nos ficam mal nas que vestimos - e vestimos tantas vezes porque nos dizem ser o preço cómodo ( desejado ardentemente porque se tem hoje um presente desumano )

É preciso dizer declarada e corajosamente NÃO a tudo o que contribui para a exploração e a opressão dos homens do nosso país e do nosso tempo.

É preciso dizer NÃO a tudo o que na Universidade em que estudamos contribui para nos despersonalizar e alienar : para que alienados sejamos instrumentos dóceis ao serviço da continuação do que está.

É preciso SER CULTO ou seja, ter-se consciência da situação: nossa e dos outros homens.

É preciso voltar a dar à verdade e à cultura a sua força revolucionária. Não queremos verdades esterelizadas, queremos procurar a Verdade que é a felicidade dos homens, de todos eles, procurar a Verdade e participar na sua realização.

É pois preciso lutar contra tudo o que nos impede de tomar consciência da nossa situação e da situação dos outros, do país.

E como é preciso isto e muito mais;;

E como não podemos esperar por um D. SEBASTIÃO, temos de colectivamente, nós os estudantes, de começar a olhar com olhos de ver para o que se passa aqui e fora de aqui.

E temos de começar a discutir qual o sentido da luta por todos nós iniciada, a fim de que seja correctamente definida, que seja definida tendo em conta a nossa responsabilidade para com a população do país

Surgem as sessões de trabalho, como uma ocasião para o fazer, ou para:

- para se desvendar a situação real dos estudantes, na Universidade e no país
- se revelem no debate novos horizontes no trabalho do estudante universitário.
- se organizem estruturas Associativas, nomeadamente as secções Pedagógicas e Culturais, na possibilidade de darem mais um passo em frente na consciencialização do estudante.
- se dêem ao movimento federativo, as contribuições necessárias para que ele na sua estruturação possa possuir um conteúdo definido e preciso.

É URGENTE TRABALHAR!

## 1º Texto

### A Universidade Crítica

- é todo o conjunto de iniciativas culturais a realizar dentro dos actuais edifícios da Universidade, e geridos pelos estudantes.
- conjunto esse que permita uma crítica à Universidade actual, elevando o nível de consciência sindical dos estudantes.
- e simultaneamente torne possível uma análise crítica, tão extensa quanto possível e não mistificadora da situação da sociedade portuguesa; análise crítica realizada a partir do contacto e estudo dos problemas dos outros trabalhadores e dos obstáculos à sua solução.
- análise crítica que deve ser acompanhada de um esboço de possíveis soluções para os problemas encontrados no sentido global da busca de uma sociedade nova recorrendo para tal a estudos e informações actuais.
- estando tais iniciativas abertas aos estudantes de todas as Faculdades e a algumas pessoas interessadas que não sejam estudantes (numa primeira negação da especialização e do corte com o resto do país, efectuado na Universidade burguesa actual).
- e sendo a escolha dos temas prioritários a abordar, objecto de inquérito a organizações operárias e a alguns intelectuais e técnicos.

### 1º- Sugestão de um conteúdo possível para estas afirmações:

#### A) Uma crítica à Universidade:

Não interessa uma crítica a uma instituição abstracta e vaga, mas sim uma crítica à finalidade e à prática actual do trabalho estudantil, (os estudantes encarados numa perspectiva correcta de trabalhadores). Crítica essa que se pode realizar por exemplo, através dos seguintes aspectos:

a) Descobrir a opressão vivida no trabalho estudantil, opressão resultante de uma série de factores:

:: un ensino excessivamente especializado no duplo sentido de:

-ausência total de contactos, de trabalho em equipa entre estudantes de diversas Faculdades, e virados para a resolução de problemas comuns que se opõem às diversas especialidades.

-inexistência de iniciativas culturais que permitam ao estudante não ser só un especialista, mas ganhar una capacidade de crítica coerente à sociedade. Iniciativas que serian de toda a população e não mais un privilégio nosso.

:: un ensino individualista que colocando os estudantes isolados face a una instituição poderosa, que pondo-os a competir uns com os outros, que tentando apagar o carácter colectivo das necessidades e interesses dos estudantes, dividindo-os, às vezes artificialmente, vai garantir o reinado dos actuais senhores da Universidade.

::

Mais, ensino individualista que obriga a um enorme desperdício de recursos humanos, e impede um avanço real do conhecimento.

:: un ensino autoritário porque:

- as matérias e a maneira de estudar, são fixadas arbitrariamente, sem a participação ou o controle dos estudantes. À vontade de professores diletantes ou de professores, que ao serviço do patronato tenderão a espelhar nas suas opções quanto a conteúdo de cadeiras, as necessidades e as carências com que sentem debater-se as empresas privadas, ou de autoridades governamentais que face a essas carências hoje manifestas e explicitadas se afanam em pseudo reformas que tapem brechas nas necessidades do capitalismo português.

- porque o que se pretende, é que os estudantes venham a saber bem o que os mestres consideram importante e não que venham a assumir o domínio das matérias. Por isso, a formulação de opiniões próprias, a definição de linhas de investigação, não é desejada (quantas vezes não é perseguida?).

- porque se entrega a própria avaliação dos conhecimentos a professores que mais ou menos discricionariamente a vão realizando.

Os estudantes vivem assim o seu trabalho como uma coisa que, que é orientada e apreciada por outros que não eles.

E ao fim de anos e anos desse gigantesco processo de alienação e de repressão (escola primária, liceu, escola técnica ou Universidade) surge-nos esse magnífico conjunto de indivíduos amorfos, consumidores dóceis, técnicos servís, cidadãos sem problemas, semi-homens frustrados e medíocres.

Exactamente aquilo que é preciso para que o status quo continue renovando-se sem solavanco.

- um ensino abstracto excessivamente quantificado, em que as realidades colectivas deste país nos aparecem quanto muito através de números de estatísticas, analisadas entre as 4 paredes de uma Universidade (concedosamente esteri-

lizadr), contra a novidade, a actualidade, a angústia dos milhões de homens que nos rodeiam) acompanhados de explicações de justificações que acabam por tirar todo o sentido a essas análises.

É preciso romper definitivamente com esse isolamento, com essa torre de marfim em que nos meteram e onde somos sujeitos a uma lenta lavagem do cérebro.

#### b) Crítica à finalidade do trabalho estudantil.

Se olharmos para como é encarado esse trabalho veremos várias coisas: o trabalho estudantil como um trabalho de passagem, sem valor em si. Um trabalho que se executa sem grande significado nem para a população, nem para nós, um trabalho que é meio para alcançar outros fins.

Os estudantes não desenvolvem desde já uma função de luta contra a ignorância, contra a escassez de oportunidades e de meios de aprofundar a cultura

contra as dominações que durante anos e anos mistificaram as pessoas,

Não. Os estudantes deseja-se que fiquem na sua torre de marfim, para que por um lado mais facilmente sejam moldados, por outro lado não espalhem ideias perigosas, não revelem outros horizontes.

O trabalho estudantil como um assunto individual. Já vimos que o estudante na sua maioria, atribui significado ao trabalho, apenas como meio de atingir fins, fins como:

O bem estar ligado a uma posição social, a que se estava habituado ou que certos factores levaram a considerar como um ideal na vida.

Um certo prazer no saber individual, no estar a par, no dominar sozinho um canto, ainda que minúsculo do conhecimento humano. Há por vezes uma generosidade e um certo idealismo, uma vontade de dar um carácter social a uma acção futura. Mas as seduções diversas que são feitas, a sua proveniência social, a falta de vigor crítico, acabam por levar os estudantes na sua maioria, quanto muito a um reformismo- tentativa ambígua e ineficiente de conciliar a situação adquirida (e a estrutura que a permite) com as ideias mais ou menos vagas que tem.

Afirmar que o trabalho estudantil, é para os estudantes um assunto individual não significa que objectivamente ele não tenha um carácter social: vai tê-lo através da mediação das empresas privadas e do Estado; vai tê-lo porque como profissional, o ex-estudante vai ter de se colocar ao serviço do domínio exercido por uma classe dirigente sobre o resto da população.

Para os interesses dessa classe o trabalho estudantil tem uma finalidade clara:

Preparar técnicos eficientes, burocratas cumpridores, que não contestem o que está (ou a quem, quanto muito é deixada uma margem de crítica perfeitamente inoperante, mas com "benéficos" efeitos purgantes...) que se satisfaçam com o preço pago pelo seu trabalho (preço em dinheiro ou em símbolos de progresso e de posição social, em convívio consentido com a alta burguesia, etc.) que adaptem o sistema a algumas novidades, que deformadas, já este pode comportar.

O trabalho estudantil como um trabalho desenraizado.

O estudante não tem qualquer ligação com a vida, a exploração ou as aspirações da população, dos trabalhadores.

O seu trabalho não aparece como uma contribuição para a resolução colectiva de problemas, que se definiram democraticamente como necessitados de resolução.

O estudante em sociedade capitalista se pensa em termos de colectividade fá-lo quase sempre através da imagem dos problemas da população, que tem a classe dirigente; imagem necessariamente deformada com o carácter utilitário com que os recursos e os homens aparecem aos seus olhos (como matérias primas e mão de obra apenas).

Evitar esse desenraizamento, romper este estado de coisas é impossível sem que haja uma democratização da sociedade no sentido do assumir de formas

reais de poder pela população, dos diversos meios e nos diversos campos. (assumir esse que exige o controle social do aparelho produtivo a fim de que este possa ser orientado segundo as necessidades dos homens e não segundo o critério individual de rentabilidade).

c) Descobrir as razões fundas que determinam tal opressão e tal finalidade

Essa análise exige uma batalha cultural que rompa com a ignorância em que somos mantidos, quanto ao funcionamento, à lógica interna e às consequências do sistema econômico e social em que somos mantidos.

Nesse sentido, uma crítica à Universidade leva necessariamente a uma crítica mais vasta - a uma crítica à Sociedade. E realizar esta pressupõe conhecer o que se passa, dispor de instrumentos teóricos, para compreender com clareza.

É preciso lutar por uma cultura política - não por uma justaposição ao lado da formação tecnocrática, dum cultura de salão, pseudo humanista, mas por uma cultura total que permita aos estudantes compreender como e porquê estão a ser alvo de opressão no seu trabalho, e discutir da validade das estruturas que os pretendem vir a integrar (relacionando sempre a sua situação com a dos outros trabalhadores.):

d) Analisar quais os factores de ordem sociológica e ideológica que até agora têm facilitado o enquadramento e a sublimação da agressividade estudantil.

É a análise dos mitos e dos valores: do mito do bem-estar, do mito da livre iniciativa privada, do mito da transcendência e hermetismo da Ciência, do mito da objectividade, do cepticismo pretensamente lúcido.

É a desmistificação como tarefa fundamental da batalha cultural.

e) Convergência de luta dos operários, dos camponeses e dos estudantes

Uma acção de contestação levada a efeito nestas circunstâncias parece que não deve levar a efeito qualquer acção corporativa, ou reivindicação de mais privilégios.

Pode levar a uma correcta orientação da luta estudantil numa convergência com as lutas dos trabalhadores porque as razões de exploração destes e de opressão daqueles reside nas mesmas estruturas políticas sociais e económicas.

Neste sentido pode dizer-se que não há problemas estudantis, há aspectos estudantis de problemas políticos.

Esta convergência de lutas pode revestir um duplo aspecto:

- por um lado pela modificação do sentido das suas reivindicações - à volta da contestação da Universidade de classe como instrumento de opressão e alienação dos estudantes, como instrumento de domínio da classe dirigente sobre o país.

- por outro lado pelo assumir cada vez mais consciente dum papel de crítica funda e coerente à sociedade, em ligação com as necessidades culturais surgidas, nas lutas dos trabalhadores.

## B) Uma crítica à sociedade Portuguesa

Não uma análise livresca, de dados abastados e numéricos, encerrada entre as 4 paredes de uma Universidade cortada ao país, mas uma análise da situação

- . dos trabalhadores
- . das classes dirigentes
- . do Estado

Exemplo de assuntos a estudar:

- a) os trabalhadores
  - a.a) na actividade produtiva
  - a.b) na organização da vida económica social e política.
- b) As classes dirigentes
  - . análise da sua composição, das ideologias próprias a cada um dos grupos que a compõe
  - . análise da orientação seguida por esses grupos quanto ao que se chama desenvolvimento, e ligação dessa orientação com a situação dos trabalhadores.
  - . análise das suas ligações com o imperialismo, na Metrópole e no Ultramar,
  - . análise dos seus possíveis factores de crise.
- c) O Estado
  - . análise das relações existentes entre o Estado e a classe dirigente.
  - . análise da acção do Estado como força repressiva.
  - . análise da actuação do Estado em relação aos territórios Ultramarinos.
  - . análise dos seus compromissos militares e políticos com outros países.

É preciso chamar a atenção para alguns instrumentos técnicos de análise:

História

História da ascensão da burguesia.

História do movimento operário.

- sindicalismo - etapas e impasses.
- momentos revolucionários e revoluções.
- doutrinas.

Sociologia

- . das classes .
- . da burocracia.
- . do trabalho.

Economia

- . análise económica capitalista.
- . análise política marxista.
- . análise dos movimentos sindicais operários e camponeses de outros países, sua estratégia, suas lutas recentes, suas análises críticas das situações onde vivem.
- . do movimento estudantil no Mundo.
- . dos problemas internos e da táctica Internacional das grandes

